

DMoc 15/6/87

# Heroica resistência salvou Manjacaze

## A HISTÓRIA DE NOVE SOLDADOS DAS FAM/FPLM, QUE TRAVARAM INTENTOS DE 600 CRIMINOSOS

Manjacaze, (Moçambique), AGO (AIM) — «Heroica» foi a palavra que ouvimos para qualificar a resistência oferecida por nove soldados aos cerca de 600 bandidos armados que 2.ª-feira última massacraram pelo menos 72 pessoas em Manjacaze. Era um sentimento misturado com o pesar que se sentia pela morte das pessoas massacradas.

A primeira vez que ouvimos falar desses nove soldados foi ainda em Xai-Xai quando eu e um colega da AIM procurávamos transporte para Manjacaze. «Esses nossos soldados salvaram Manjacaze», diziam os ocupantes de um camião que acabava de estacionar em frente da Sede Provincial do Partido. Dentro do camião vinham comerciantes do Distrito de Manjacaze.

Perguntei por eles, «Onde estão agora». Os comerciantes responde-me quase ao mesmo tempo: «Estão lá a desminar a vila».

Quando chegámos a Manjacaze, já ao fim da tarde de 3.ª-feira, procurámos falar com esses nove soldados e com um responsável da zona de Manjacaze que era mencionado por sobrevivente do massacre como «o décimo herói».

Não conseguimos falar com eles imediatamente. A vila estava sem luz e em estado de abandono, havia estrondos de armas pesadas resultantes de combates que se travavam a uns 15 quilómetros. Havia também explo-

sivos de minas pois os bandidos tinham minado várias partes da vila o que nos impedia de avançarmos a ventadão pelo terreno.

### O COMBATE

Ainda na noite de 3.ª-feira para 4.ª-feira pudemos ouvir elogios a esses nove soldados da boca de um antigo combatente da Frelimo que reside na área.

Se na manhã de 4.ª-feira conseguimos falar com o comandante do grupo que resistiu sem o apoio dos seus outros colegas pois este estava a combater noutros locais do distrito, que tem vindo a ser fustigado por acções de terror dos bandidos armados.

«Era uma hora da madrugada quando através da população soubemos que o inimigo estava nos arredores da sede do distrito e estava a assassinar pessoas. As pessoas que informavam estavam atrapalhadas. Eramos poucos para o inimigo que vinha em todas as direcções. Então tirei os meus meios combativos comecei a organizar a defesa», disse o comandante, um alferes das FAM/FPLM.

Ele contou que quando os bandidos já estavam próximos, conseguimos neutralizar o grupo que se estava a aproximar do Conselho Executivo.

Uma vez feito isto, conseguimos penetrar até ao Conselho Executivo e tirar de lá um rádio que foi utilizado

para se pedir reforços a Chibuto, uma vez ligado o rádio a uma bateria de um carro.

Como eram poucos e o material também, ele, os seus oito colegas e o «décimo herói», decidiram poupar munições «disparando para alvos bem localizados».

### A RESISTÊNCIA

Isto deu resultado. «Resistimos. Rompemos o cerco para a população poder fugir. Muitas das casas dos responsáveis e o hospital, os bandidos só atingiram de longe. Não conseguimos chegar perto para arrombar ou dinamitar», contou o alferes.

Segundo depoimentos de sobreviventes, o grosso dos bandidos rompeu pela vila pela parte baixa, assassinando as pessoas que conseguiam apanhar nas ruas ou em suas casas, mais as que tentavam fugir. Foi na entrada e depois na retirada, que foi assassinada a maior parte das 72 pessoas dadas até aqui como mortas.

Os bandidos fixaram um grupo num local na rua principal da vila, grupo esse do qual partiam muitas das decisões sobre os alvos para os restantes grupos.

Um dos alvos era o hospital. Era intenção dos bandidos chegarem ao hospital. Um sobrevivente testemunhou a insistência com que o hospital era tido como alvo.

Trata-se de Nazimo Abdul Gafur, um comerciante que sobreviveu juntamente com a sua família. Ele escondeu-se a tempo e acompanhou muito do que os bandidos iam fazendo nesse local de onde iam partindo as definições dos alvos.

«Quando chegaram arrombaram o armazém ao lado e ao mesmo tempo o meu estabelecimento. Uns, que pareciam chefes, ficaram aqui e destacaram um grupo para ir ao palácio do administrador. Um segundo grupo foi à central eléctrica e um outro foi minado para o hospital. O homem que parecia o chefe deles andou durante algum tempo a circular numa moto que apanharam aqui estacionado».

Nazimo Gafur disse ter concluído que os bandidos eram acompanhados por um informador que conhecia bem a vila e os seus habitantes, pois quando chegavam chamaram por ele e por outros comerciantes. Ele não saiu do seu esconcheio e foi acompanhando os vândalos que os grupos de assalto iam dando.

«O grupo que tinham mandado para assaltar o hospital recuou e pediram ao chefe deles para que disparasse um morteiro 82 mm porque, diziam, que lá havia «muito Frelimo». Ele disse não. E deu um 60 mm. Foram mas recuaram pela segunda vez, insistindo que o chefe devia ceder a tal arma porque Frelimo lá era demais».

A terceira tentativa de assalto, um dos chefes que Gafur ouviu chamarem de «Major André», disse que o grupo do hospital estava a «brincar demais» e que ele iria lá pessoalmente para o assalto.

Segundo aquele a quem as pessoas chamavam de «décimo herói» na terceira tentativa de assalto vimos esse tal chefe dos bandidos a dirigir o seu grupo mas não conseguia ver quem defendia a zona do hospital. Abatemo-lo juntamente com

outros dois que pareciam ser os seus guarda-costas».

A morte deste chefe dos bandidos parece ter desorientado o grupo que recuou pela terceira vez sem conseguir arrastar os corpos, porque na altura chegavam mais soldados das FAM/FPLM que vinham reforçar os dez resistentes.

Os combates terminaram por volta das 15 horas.

Na parte alta da vila houve poucas mortes entre a população. Tinha sido a parte defendida. O hospital não sofreu danos graves. Apenas uma ambulância estacionada a uns 500 metros foi incendiada.

Quando os bandidos se retiraram tomaram a direcção noroeste, utilizando o mesmo corredor de entrada. Sobreviventes disseram a AIM que os bandidos levavam muita gente raptada carregando produtos da pilhagem. Também na retirada os bandidos começaram a matar mais pessoas, disparando indiscriminadamente sobre elas. Os dois últimos obuses de morteiro disparados pelos bandidos na retirada foi explodir num centro de reabilitação de crianças órfãs. Nesse centro, até as 12 horas de quarta-feira, seis crianças e uma trabalhadora eram dadas como desaparecidas.

Em Manjacaze aconteceu um massacre. Acontecera também um dos muitos episódios de heroísmo anónimo que tem marcado a resistência ao banditismo armado desencadeado pela África do Sul. Para que esse heroísmo fique menos anónimo, ficam escritas estas linhas.

TEXTO DE GIL LAURICIANO DA AIM